

Recuerdo que mi madre me decía, cuando apenas seis años mal contaba, que en su altar, que la fe transfiguraba, fuera la Virgen la madrina mía.

Después – aun lo recuerdo – ¡que alegría en sus celestes ojos contemplaba! Ojos verdes, cual verde adivinaba la Esperanza que se me aparecía.

Pasan veintidós años, desengañados se acumulan en mí, duelos y enojos en mi camino sin cesar afloran...

Y con nostalgia pienso en mis seis años, y percibo, en el luto de mis ojos, los ojos verdes que afligidos lloran.

Jorge de Lima 1895-1953, Recuerdo de infancia

Es tarde y en el sol que desfallece, en agonía lánguida y silente, el horizonte amplio resplandece armonioso, en coral incandescente.

Todo se aquieta luego y adormece... Una tristeza indefinida, ardiente, lo inunda todo, y en la sombra crece la larga noche misteriosamente.

En el dulce frescor que el campo baña la luz no es más, besando la montaña, que un vago colorido de carmín.

Gime el agua, en rumores, su dolora, y una fuente en la sombra lenta llora la misma angustia que solloza en mí.

Maria Eugenia Celso 1885-1963, Crepúsculo

¡La gran verdad fatal que me prende y domina!
¡La gran verdad fatal que me abate y tortura!
¿Por qué habrá de ser siempre la misma pequenina, la misma humana y, siempre, irrisoria criatura?

Cuando pienso alcanzar con mi pobre retina la existencia pasada y la vida futura, vuelvo a perderme en sombra que hierre y que alucina, en negra sombra, en sombra inmensamente oscura.

Soy como todos son, pero el alma me obliga a vivir mi dolor, mi insoportable hechizo, la tortura cruel que me oprime y fatiga.

Y el alma, que me tiene la cabeza incendiada, jamás puede creer que la Nada me hizo y que puedo algún día acabar en la Nada.

Octavio Tavares, ¡Veritas!

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XIV, Nº 03 – 2010, MARÇO
Assinatura até 31.12.10: 9 selos postais de 1º Porte Nacional
Não-comercial (R\$ 0,70) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.
Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!
www.haicu.sf.nom.br

Siempre hay baile
(en el estrecho
y al que baila le parece
que es Algeciras
la que se mece.

Y Algeciras se está quieta
frente al inglés,
(frente al moro,
clavándose la peineta.

Gerardo Diego 1896-1987, Algeciras,
Versos Escogidos, 1970
Editorial Gredos, S.A., Madrid

Sonetos Brasileños, traducidos al español por D. Álvaro de Las Casas
Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro 1938

A lua, com seu clarão,
iluminou minha porta...
Acabou-se a solidão,
imensa Luz me conforta!
Amália Marie Gerda Bornheim
Clássicos Contemporâneos, 2009
escritoresbrasileiros@gmail.com

Zilda Arns, todo o exemplo
que nos deixa é dos mais nobres.
Até na morte... num templo,
ensinando a amar os pobres!
Jeanette De Cnop, 1002
Trovia
alu@mgalink.com.br

É maluco quem confia,
um só, pouquinho, em você,
que é fingida em demasia,
finge até que não me vê...
João Batista Serra, 0906 Trinos
do Pitiguari, R. Guanabara 542
59014-180 – Natal, RN

Quando a vida aperta o cerco
nos ideais que eu persigo,
quanto mais combate eu perco,
tanto mais lutando eu sigo.
Marina Bruna, 0912 A Voz
da Poesia: Rua dos Bogaris 183
04047-020 – São Paulo, SP

Meu coração enfartado
de amor e fantasia
tem uma safena do lado
transportando poesia.
Waldir Rodrigues, 0910
Binóculo
jbatista@unifor.br

No Senado da República
há quem faça o que lhe agrada,
ao fazer da vida pública
uma extensão da privada.
Ziver Ritta, 1001
Fanal, Rua Álvares Machado 22, 1º
01501-030 – São Paulo, SP

Na distante mocidade
não vivi tão só assim...
Agora, até a saudade
parece fugir de mim!

Em nossa avançada idade,
o antigo ardor fica ausente,
e surge, então, a saudade,
que lembra o sol no poente.

Nesta noite sinto frio
e em você fico a pensar:
dos meus olhos nasce um rio
que a saudade leva ao mar.

Tenho saudade da rua
daqueles anos passados,
naquele tempo em que a lua
encantava os namorados...

Estou só nesta cidade
e há Carnaval na avenida:
vejo um bloco de saudade
desfilando em minha vida!

Poetas de toda idade,
enfrentem tudo sem medo:
cantem o amor e a saudade,
não façam disso segredo.

Edmilson Ferreira Macedo, A Saudade em Minhas Trovas, 2005 – Correspondência: Rua Dr. Plínio de Moraes 494, Cidade Nova, CEP 31170-170; Contato: (0)31 3484-5499

QUIDAIAS DE OUTONO



Cai o alcapão,
preso, debate um pássaro.
Penas voam, soltas.
Amauri do Amaral Campos

Choro do palhaço
feliz no Dia do Circo
causando embaraço.
Fernando L. A. Soares

Chão embranquecido
e o vento continua.
Chuva de paina.
Manoel F. Menendez

Ao longe se vê
encobridno todos os morros
forte cerração.
Maria App. Picanço Goulart

Um grilo pulando
na parede da cozinha.
Criação assustada.
Mª Marlene N. T. Pinto

Dia da Mulher,
na imprensa anunciado.
E-mail de amigos.
Nadyr Leme Ganzert

Manhã de trabalho –
motorista cauteloso
com a nevoação.
Sílvio Garzano Júnior

HAICUS E M FOLHA



Leve e transparente,
a libélula esvoaça
procurando o lago. L
Alba Cristina

Com asas quebradas,
libélula indo embora
pela correnteza. F
Analice Feitoza de Lima

Uvas e mais uvas
esmagadas com os pés,
num tacho gigante... A
Darly O. Barros

Num cantinho, ao sol,
libélula descansa.
Asas irisadas. W
Djalda Winter Santos

Nas sobras da feira,
indigente tenta achar
um cacho de uvas. F
Flávio Ferreira da Silva

No largo rio
cortando o espelho d'água
libélula voa. L
Larissa Lacerda Menendez

Gotas de ametista –
imenso cacho de uvas
se desfaz na mão. L
Renata Paccola

Nas águas do rio,
o reflexo da libélula
caçando mosquitos. L
Amália Marie Gerda

Diáfana libélula,
pousada no jasmineiro.
Leveza e perfume. L
Angélica Villela Santos

Uma libélula,
com asas delicadas
voa sobre a água. W
Denise Cataldi

Ao redor do capim
a libélula voa
em busca de insetos. L
Edmilson Felipe

Gotas de chuva
no vidro da janela
águas de março. C
Larissa Lacerda Menendez

Vôo da libélula.
Transparência de cristal.
Criação divina! F
Nadyr Leme Ganzert

Tempestade, lama
e destroços flutuando
nas águas de março. F
Roberto Resende Vilela

Barcos de papel,
correndo pela calçada
nas águas de março. C
Analice Feitoza de Lima

Descendo e subindo
num bailado sobre as águas
libélula voa. C
Argemira F. Marcondes

Pássaros azuis
debaixo da parreira
bicam as uvas. W
Denise Cataldi

No supermercado
a dona de casa
apalpa o cacho de uvas. W
Edmilson Felipe

Mesa farta
uva suada
sobre a mesa. L
Larissa Lacerda Menendez

Nas águas de março,
o lixo nas enxurradas
corre pelas ruas. A
Renata Paccola

Sobre um espelho d'água,
quase lhe tocando a face,
vai e vem a libélula. L
Roberto Resende Vilela

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, endereço e CEP do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.

2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

SELEÇÕES MENSAIS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.03.10, enviar até 3 haicus de quigos: Batata-doce, Bicho-de-pé, Dia do Bombeiro.
Até o dia 30.04.10, enviar até 3 haicus de quigos: Benjoeiro em flor, Coruja, Dia do Motorista.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Rua Des. do Vale 914, Apto. 82
05010-040 - São Paulo, SP
ou mfmendez@superig.com.br

3. A folha conterá o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

A B E L A V I D A
Alberto Moravia 1907-1990, O autômato, tradução: Manuel Martins de Sá, Livros de Bolso Europa América, Edição 540/1733, 1972 – Gentileza de Roberto de Lucia

A casa ficava numa rua desempedrada e lamacenta, ao fundo da qual se via o campo – verde-azul e ondulado – empalidecer até se confundir com o céu branco. Casas em construção ladeavam a rua, havia por todo o lado covas de cal, andaimes, barricadas sem fundo, vigas; mas, como era meio-dia, os trabalhos esta-

vam suspensos, e os operários, sentados em pequenos muros, comiam os seus casqueiros cheios de conduto, sem falar. Ninguém passava, tudo era silêncio:
“Encontrá-las-emos à mesa”, disse-me Marco, transpondo com precaução as poças de água, “mas olha que é o único momento em que se po-

de encontrar pela certa aquela mulher.” Perguntei-lhe o que fazia ela, e ele respondeu-me que tinha uma loja de modas na cidade e que fora justamente lá que sua irmã, à procura de trabalho, caíra naquela tirânica amizade. “É uma espécie de mulher de negócios”, concluiu, passando a sua mão gigantesca, larga como uma

pá, não pela testa, mas por todo o rosto; “de resto, agora vê-la-ás.”
O apartamento ficava no primeiro andar de um prédio cor-de-rosa, com persianas verde-pistácio. Abriu-nos a porta uma criadita; deixou-nos por um instante numa sala minúscula e pobre, não obstante algumas garridices baratas, e voltou de

seguida, dizendo que podíamos passar para a casa de jantar. Como Marco previra, as duas mulheres estavam ainda à mesa. Uma luz intensa inundava a sala nua; a vastidão do campo, visível através da janela sem cortinas, produzia um estranho efeito, como se fosse o mar. O que mais me impressionou, juntamente com o cheiro de cozinha, que empestava o ar, foi o aspecto desordenado e materialíssimo da mesa. Cobria-a uma toalha com nódoas de vinho, migalhas e pratos sujos; os tachos eram grosseiros e estavam besuntados, até às bordas, de azeite e de tomate; em vez da garrafa, via-se um garrafão maljeitoso no seu involúcro de palha.

Observei as duas mulheres, que, um pouco embaraçadas, tinham parado de comer. Dora, a irmã de Marco, seria bonita se não fosse tão magra: era loura, exangue, branca como a cera, com grandes olhos azuis, encovados e pisados. A Veracelloni era precisamente o contrário: larga, espadada, tinha os cabelos curtos e um rosto cheio, sem angulosidades, como de rapaz; os olhos eram negros, tranquilos, e fitavam com uma lentidão não desprovida de uma inconsciente majestade; uma ligeira penugem, decididamente escura, sombreava os lábios sem *báton*. Observei também que, enquanto Dora estava correctamente sentada na sua cadeira, a amiga, ou porque tinha bebido um pouco em demasia ou porque isso não lhe importava, estava sentada de través, um tanto recostada sobre o espaldar, com o guardanapo enfiado no colarinho da camisa masculina. Estava vestida de cinzento, com um casaco de corte masculino e uma saia justa; uma gravata vistosa caía-lhe sobre o peito.

Não pareceu surpreendida com esta nossa visita, mas um pouco enfastiada, como por uma intervenção que considerava ao mesmo tempo indiscreta e inútil. Sentámo-nos; e, sem demora, como se a Vercelloni não estivesse presente, Marco, com o seu corpanzil dobrado sobre a cadeira estreita, começou a exortar a irmã a que não quisesse continuar a viver fora de casa, a voltar para o seio da família. Os seus argumentos eram sólidos e simples; aludiu com habilidade ao desgosto da mãe, não teve uma única palavra contra a Vercelloni; evidentemente, não obstante o seu ressentimento, queria parecer moderado e objectivo. Mas a irmã, escutando-o, tinha uma expressão excessivamente obtusa:

– Não – respondeu por fim com o tom de quem repete a lição –, não irei contigo... até agora fui demasiado boa, sacrifiquei-me, mas agora compreendi que devo fazer valer os meus méritos... e, além disso, quero gozar a vida.

A Vercelloni, que não havia mostrado qualquer ansiedade, sorriu sem ostentação, tranquila,

mostrando os seus belos dentes regulares, de uma alvura de leite:

– Pobre Dora – disse com voz sonora –, é compreensível que não queira regressar a casa... com vinte e oito anos completos tinham-na fechada em casa todo o dia, obrigavam-na a lavar os pratos, a cozinhar, varrer... – Enumerava, com uma calma superior e protectora, os vexames sofridos pela amiga, e esta escutava-a com evidente complacência, como um aldeão que ouve pela primeira vez um orador de comício gritar-lhe que está oprimido, asfixiado por impostos, algemado, e que chegou o momento da revindicta. Depois, mal a Vercelloni acabou de falar, Dora voltou-se para o irmão e, com expressão estúpida e orgulhosa, explicou-lhe que aqui tinha um quarto todo para ela e que podia sair quando quera, mesmo só, indo ao cinema, ao café...

– Sou como uma patroa – concluiu com ar sagaz. – De manhã, levanto-me tarde e tomo o café na cama... posso fumar cigarros e beber licores quando quero... Maria leva-me a passear no seu automóvel, ofereceu-me vestidos, é muitíssimo minha amiga... e, além disso, posso receber quem eu quero no meu quarto, mesmo de noite...

Esta última frase fez estremecer Marco, mas não proferiu palavra; e eu pensei que ele, supondo sua irmã mais louca do que libertina, não queria, por isso, meter naquela cabeça inocente ideias e suposições de possibilidades ainda insuspeitadas. Respondeu, pelo contrário, com muita doçura, apertando os grossos punhos sob a mesa, que, se voltasse para casa, lhe dariam um quarto todo para ela e que poderia, como aqui, levantar-se tarde e tomar o café na cama. Mas a rapariga sacudiu a cabeça com obstinação:

– Até agora – respondeu – não sabia o que era a liberdade nem quantas vantagens dela poderiam derivar... mas agora sei, e já não me deixo convencer... Vocês falam muito bem, mas não me convencem... Agora sei o que quer dizer gozar a vida. – E, ao dizer isto, o seu rosto magro e digno de compaixão cobriu-se de uma glotonaria alusiva e obstinada.

Durante alguns momentos ninguém falou. A Vercelloni contemplava a rapariga com os seus olhos tranquilos e negros, de belo animal; através da janela, cheia daquele verde irreal do campo, um palidíssimo raio de sol fazia brilhar as louças e os cabelos louros da irmã de Marco. Este sacudia a cabeça com raiva e mordida os lábios. O silêncio foi de novo interrompido pela rapariga:

– Levo uma bellissima vida – disse –; porque deveria eu voltar convosco? E depois, mesmo que quisesse, não poderia... Maria e eu devemos partir, dentro de poucos dias, para Paris... Em casa

quem pensaria alguma vez em levar-me a Paris?...

E, realmente, eu acho que não há nada mais belo do que viajar, ir ver uma cidade tão magnífica e tão cheia de lojas e de diversões como Paris... – E continuou no mesmo tom, comparando Paris à cidade natal, exaltando as vantagens desta sua nova existência. Em seguida, a Vercelloni explicou que ia a Paris para a habitual compra de modelos. Marco esteve a ouvi-la; e depois:

– Faça-me um favor – disse –, mande sair Dora... Gostaria de falar a só consigo.

Foi imediatamente atendido:

– Dorina – disse a Vercelloni –, sai daqui por um instante... tenho de falar com teu irmão...

A rapariga obedeceu, levantando-se. Observei então que de corpo não era magra como de rosto, mas bem feita, quase formosa. Envergava um vestido muito curto, levantado através por duas nádegas redondas, e calçava pantufas felpudas; as barrigas das pernas, descobertas e grossas, tinham qualquer coisa de impudente. Impressionou-me também o passo um pouco vacilante com que atingiu a porta, e pensei que a embriaguez era igualmente uma das atracções daquela vida que dizia fazer. Mas fui desviado destas suposições pelo tom violento com que Marco falava à dona da casa.

– Você sabe muito bem – dizia – que minha irmã é quase demente e que, se tivéssemos dinheiro, já a teríamos internado numa clínica... Para quê, então, subtraí-la à família, dar-lhe volta à cabeça, fazê-la acreditar que até agora foi sacrificada, martirizada? Eu digo que é inconsciência da sua parte, ou pior...

A Vercelloni sorriu e, tirando do bolso a cigarreira, apresentou-a aberta a Marco. Este gesto, não sei porquê, enfureceu o gigante, que, com um safanão, fez ir pelos ares a cigarreira e os cigarros.

– Tenho mesmo vontade de fumar, eu... – exclamou, irritado.

A mulher não se desconcertou, mas advertiu-o de que, se continuasse assim, o poria fora de casa. Apanhou depois um cigarro que tinha caído em cima da mesa, acendeu-o e começou a explicar que fora levada a agir daquele modo pelo afecto e pela compaixão que a rapariga lhe havia inspirado.

– É uma verdadeira indignidade – acrescentou – ter segregada uma rapariga tão bonita, com a desculpa de que é desequilibrada... quando é profundamente sã de mente... Foram vocês que, à custa de lhe repetirem que é estúpida, a atemorizaram de tal forma que até desapercebi de falar... E, além disso, é maior e livre de fazer o que mais lhe agrada. – Seguiu-se um breve silêncio. – Eu quero bem a Dora – acrescentou de súbito, tranquilamente, a mulher –, e de nenhum modo a deixarei regressar a casa, onde seria maltratada... – Contendo a custo o seu ressentimento,

Marco respondeu-lhe que a sua família era demasiado pobre para ter possibilidades de custear viagens de Dora a Paris, mas que à irmã nunca faltara nada; e que, de resto, a única vez que a mandaram sôzinha, de férias, fez tantos disparates que desencorajou para sempre a boa vontade deles. Mas a Vercelloni não pareceu convencida:

– Aquilo que o senhor entende serem disparates – disse – é simplesmente a vida normal de todas as pessoas... A pobre Dora contou-me tudo: parece que se apaixonou por alguém... Não vejo que grande mal haja nisso...

Ouviu-se neste momento, vindo do quarto contíguo, um ritmo de gramofone. Marco curvou-se sobre a cadeira:

– Em resumo – perguntou –, quer deixar ir minha irmã, ou não?

A Vercelloni baixou os olhos, sacudiu a cinza do cigarro e, depois, como um homem de negócios que está a tratar de uma questão financeira, recostando-se na cadeira, fitou Marco:

– Não, de nenhum modo – respondeu simplesmente.

Nada mais havia a fazer. No quarto contíguo, o gramofone continuava a tocar; eu tinha a impressão de ver aquele quarto “todo para ela” a que a rapariga aludira, e a própria rapariga – diante da qual se abria a miragem de uma estada em Paris – a dançar de satisfação por estar fora dos espartilhos familiares, na nova atmosfera de uma vida sem freios. Pensava também como tudo estava bem engendrado: uma rapariga quase mentecapta, dominada pela influência dourada desta Vercelloni tranquila e segura de si; todas aquelas verdadeiras comodidades, Paris, o automóvel, o café servido na cama; o círculo estava fechado, impossível rompê-lo. Ao contrário de Marco, sério e preocupado, sentia-me alegre e quase sorria. Depois, o meu amigo levantou-se.

– Quer despedir-se de sua irmã? – perguntou a Vercelloni com a solicitude de uma madre abadessa finalmente convencida da vocação até então duvidosa de uma sua noviça. Mas Marco, tristemente, respondeu que não e dirigiu-se para o vestíbulo. A Vercelloni não nos acompanhou, vi-a desaparecer na obscuridade do corredor. Saímos. Os operários tinham começado o trabalho; na atmosfera branca e nua da tarde invernal ecoavam golpes de martelo, vibrados nas extremidades de algumas vigas.

– Para mim, minha irmã é como se tivesse morrido – disse inesperadamente Marco.

Mas eu não compartilhava desta sua tristeza; a inutilidade dos seus esforços fazia-me quase sorrir, como aquelas leves angústias que nunca se sabe muito bem se trazem prazer ou sofrimento.

<p>A busca da palavra perfeita, da frase que enfeita, do assunto que empolga... A liberdade na escolha do estilo e do verso, a franqueza aparente; no fundo, o sigilo e, finalmente, a narrativa encantada... Eis o poema!</p>	<p>Gostaria de escrever diariamente um poema novo, como os sonhos inusitados que me abordam pela madrugada. Desejaria encontrar pelas esquinas, todas as noites, limalhas de estrelas e luareis, bornais recheados de pepitas douradas, como os problemas que me acodem a cada hora. Mas o mundo é insensível, a vida é surda e continuo um mero desconhecido, sem láureas ou troféus – todos os dias, todos os dias – sem um centavo no bolso para o café.</p>	<p>Minhas mãos remoçaram aflagando enlevos em sua pele de seda e éxtase. Aguardo o momento, há muito apetecido, de meu eterno rejuvenescimento, no insondável caminho de seu “abismo quente, profundo e perfumado”.</p>	<p>Nos trilhos abandonados de antigas ferrovias, entre plantas agrestes, correm afoitas marias-fumaça de ilusões, desengonçadas como as extintas máquinas que ainda são lembrança viva dentro de mim.</p>
O Poema	Disforia	Encantos	Lembranças
	Eco		Egoísmo

MONÓLOGOS ÍNTIMOS E ALGUNS SONETOS
Humberto Del Maestro, 2008 – Endereço do autor: Rua Aurora de Aguiar Ferreira 171/702, Ed. San Juan, Jardim Camburi, 29090-310 – Vitória, ES

<p>O rio da vida corre entre as margens do bem e do mal, do riso e do choro, do real e da fantasia, do amor e do ódio. Às vezes a correnteza é mais forte de um lado; às vezes, de outro. Mas o rio da vida segue, ao sabor dos humores e das paixões.</p>	<p>No alto da colina, domina o cenário a igreja branca. Ao entardecer, envia mensagens de paz pelos sons do velho campanário.</p> <p style="text-align: center;">Cenário</p> <p>Quando criança, embarcava meus sonhos em barquinhos de papel, que se perdiam. Os sonhos, por serem sonhos; os barquinhos, por serem frágeis.</p>	<p>Não é tão fácil assim, pegar a tristeza e guardá-la numa gaveta qualquer, esquecer que ela existe. Menos fácil ainda é fazer de conta, bancar o ator, fazer de sua vida uma ribalta. Mesmo que coloque a máscara, por trás dela ninguém muda, ninguém esquece o que lhe vai na alma. É muito difícil, senão impossível, enganar-la; nem a seu coração.</p>	<p>O que o homem sensato pode pedir a Papai Noel? Por ser sensato, é equilibrado; não pedirá coisas utópicas, a Paz, por exemplo. Esse pedido o homem sensato já fez muitas vezes, e se desiluiu. Pediria a Felicidade geral? Mas esta é consequência da Paz, mas não existe sem a outra. Pediria bens materiais? Não para ele, ele é sensato, não é egoísta. Para os outros é que pediria. Quem sabe um teto para os que vivem precariamente em habitações subumanas ou até mesmo nas ruas,</p>
Um simples curso d'água	Mera ilusão	Sentimento indifereçável	Presente de Natal